



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ALINE MAIRA HERCULANO OLIVEIRA DA SILVA

A TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER ARTISTA EM BELÉM DO
PARÁ.

BELÉM – PA
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ALINE MAIRA HERCULANO OLIVEIRA DA SILVA

A TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER ARTISTA EM BELÉM DO
PARÁ.

Monografia apresentada à Escola de Teatro e
Dança da Universidade Federal do Pará, como
requisito para obtenção do título de Licenciado no
Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia.

BELÉM – PA
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da Escola de Teatro e Dança da UFPA - Belém-PA**

S586t Silva, Aline Maira Herculano Oliveira da

A trajetória e experiência de uma mulher artista em Belém do
Pará / Aline Maira Herculano Oliveira da Silva -- 2019.

Orientador: Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de
Licenciatura em Teatro, Belém, 2019.

1. Teatro – Formação profissional. 2. Atores – Formação
profissional. 3. Teatro – Narrativas pessoais. 4. Autobiografia -
Método. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.028

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



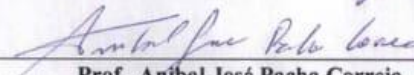
ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de Julho do ano de dois mil e dezenove, às quinze horas, reuniu-se no Auditório desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof. Anibal José Pacha Correia (orientador e presidente), Profª. Claudia do Socorro Gomes da Silva (examinadora interna), Profª. Arianne Roberta Pimentel Gonçalves (examinadora externa), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna ALINE MAIRA HERCULANO OLIVEIRA DA SILVA, intitulado: **A TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIA DE UMA MULHER ARTISTA EM BELÉM DO PARÁ**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito excelente com as seguintes observações conceitos gramaticais; inserir autores
Antes (antes (teatro) e fazer uma justificativa com
base no PPC do curso de Licenciatura em teatro.
aprofundamento no campo de memória e ajustes de
pontos normativos.

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

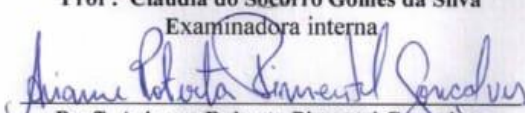
Belém, 10 de julho de 2019



Prof. Anibal José Pacha Correia
Orientador



Profª. Claudia do Socorro Gomes da Silva
Examinadora interna



Profª. Arianne Roberta Pimentel Gonçalves
Examinadora Externa

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes ao acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos direitos de reprodução.

Assinatura: Aline Maira Herculano O. da Silva
Aline Maira Herculano O. da Silva

Local e data: 09 de agosto - Belém - Pará

AGRADECIMENTOS

Em especial a Deus, por ter me concedido a vida e me possibilitado chegar até os meus 27 anos com vida e saúde.

À minha mãe Luiza que sempre esteve ao meu lado, ao meu pai Vitor, que foi um dos melhores pais do mundo, mas não está mais entre nós, e ao meu irmão Anderson, por estarem sempre do meu lado me dando apoio moral e financeiro em todos os meus estudos, pelos conselhos dados, por me ouvirem quando eu precisei ser ouvida e por cuidarem de mim na saúde e na doença.

Ao meu sobrinho Victor que alegra nossas vidas e ajuda a manter a nossa família mais unida e feliz.

Ao meu namorado e melhor amigo, que me deu muitas alegrias e me ajudou a seguir sorrindo, mesmo nos momentos mais difíceis, estando sempre junto de mim, me auxiliando em tudo o que eu precisava em mais de dois anos de caminhada.

À gata de estimação apazível e afável que sempre esteve trazendo leveza, alegrias e harmonia para nossas vidas.

Aos professores por terem me dado suporte acadêmico nessa pesquisa autobiográfica e por serem tão pacientes e atenciosos comigo nessa construção da minha primeira monografia.

E a todos os amigos e familiares que me fizeram o bem e que estiveram presentes nos momentos mais especiais de minha vida, em especial a minha tia Inácia que faleceu em 2018 fisicamente, mas que para sempre estará viva em nossos corações e em nossas lembranças.

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa autobiográfica baseada em conhecimento empírico e embasado por conhecimento de teóricos como Pollak, Morais, Josso, Bachelard, Salles e Rousseau. No qual apresento acontecimentos e descrevo alguns lados e rotas percorridas pela minha pessoa na procura de formação e realização de uma carreira artística. Aqui, apresento a minha interpretação de uma história vivida por mim, no qual separo em dois momentos, o de formação de aluna e artista no qual segui várias direções e percorri vários caminhos na busca de aprimoramento de habilidades e ganhar experiência artística. Utilizarei como metodologia a escrita autobiográfica, a memória, acompanhada de documentos do meu acervo pessoal em fotos e vídeos e a autobiografia como processo de análise de todos os momentos da minha trajetória vividos em Belém do Pará até o ano de 2018.

Palavras-chave: Artista-em-formação. Trajetória-pessoal-artística. Auto-Biografia.

ABSTRACT

This work is an autobiographical research based on empirical knowledge and based on the knowledge of theorists as Pollak, Morais, Josso, Bachelard, Salles and Rousseau. In which I present events and describe some sides and routes covered by my person in the search for training and achievement of an artistic career. Here, I present my interpretation of a story I have lived through, in which I separate into two moments, the formation of student and artist, in which I followed several directions and went through several paths in the quest for improved skills and gaining artistic experience. I will use as a methodology autobiographical writing, memory, accompanied by documents of my personal collection in photos and videos and autobiography as a process of analysis of all the moments of my trajectory lived in Belém of Pará until 2018.

Key-Words: Artist-in-information. Artist-personal-trajectory. Autobiography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Trabalho no qual expressei que queria seguir carreira artística.....	16
Figura 2 - Capa do trabalho onde conto minha história de vida.....	17
Figura 3 - Apóstolos da Santa Ceia.....	19
Figura 4 - Meu primeiro workshop de teatro.....	21
Figura 5 - Apresentação de seminário na Licenciatura em teatro-UFPA.....	24
Figura 6 - Apresentação de conclusão de curso curro velho.....	26
Figura 7 - Pessoas escaladas para compor o elenco do Cenart.....	27
Figura 8 - Performando no Cenart Musical Show.....	28
Figura 9 - Dia do musical show da Cenart.....	29
Figura 10 - Aula particular de canto na escola AM&T.....	31
Figura 11 - Primeira fase do The Voice CNA.....	35
Figura 12 - Segunda fase do The Voice CNA.....	35
Figura 13 - Fase final do The Voice CNA.....	35
Figura 14 - Chamada de ano novo para o canal de amigos.....	37
Figura 15 - Primeira sessão de fotos como modelo.....	38
Figura 16 - Em entrevista ao programa O Melhor do Pará.....	38
Figura 17 - Desfilando no concurso Destaque metropolitano.....	40
Figura 18 - Em participação no programa T V Cidade.....	41
Figura 19 - Gravação de ano novo do comercial de supermercado.....	42
Figura 20 - Ensaio fotográfico com uma das bandas da qual fiz parte.....	44
Figura 21 - Caracterizada de Elsa para o pocket show de natal.....	45
Figura 22 - Curta Metragem Sombras- A mulher do Táxi.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	COMO COMEÇOU A VONTADE DE SER ARTISTA.....	13
3	O PRIMEIRO PASSO NA FORMAÇÃO ESCOLAR/ARTÍSTICA	18
	3.1 Formação universitária	22
	3.2 Formação complementar	25
	3.3 A formação na língua inglesa	33
4	O MERCADO DE TRABALHO.....	36
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Rousseau, em sua obra *Confissões* (1988, p. 10) disse: “O propósito de minhas confissões é revelar com precisão o meu íntimo em alguns episódios da minha vida, para descreve-los fielmente não tenho necessidade de outras memórias, basta-me, como fiz até aqui, voltar-me para meu íntimo, de forma a entrar em contato imediato comigo mesmo. ”

Assim como Rousseau, meu propósito aqui também é revelar com o máximo de exatidão os acontecimentos que ocorreram em minha vida, com o foco em relatar a importância da arte em minha trajetória, mencionando como percorri esses caminhos artísticos ao longo dos anos. Como quando entrei na Licenciatura em teatro em 2012 e tive como parte do plano pedagógico curricular do curso a disciplina *Trajetórias do Ser* com a professora Wlad Lima, disciplina essa que contribuiu muito para o desenvolvimento desse trabalho.

Decidi priorizar o anonimato de alguns sujeitos presentes em minhas narrativas, para não mencionar alguns nomes sem a autorização prévia dos mesmos, além de cada um ter seu próprio ponto de vista sobre os fatos. Segundo Halbwachs (1968), conforme citado por SILVA (2016, p. 249)

Halbwachs identifica que ao lado da memória coletiva, há também a chamada memória individual. Esta por sua vez, pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, ponto de vista este, que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo, assim como também está condicionado às relações que mantemos com outros ambientes. A assimilação das lembranças pode variar de membro para membro, visto que a quantidade de lembranças que são transportadas pela memória coletiva com maior ou menor intensidade, é realizada a partir do ponto de vista de cada sujeito. (2016, p. 249).

A principal fonte dessa pesquisa foi minha memória, dessa maneira, optei por usar uma metodologia de pesquisa autobiográfica para melhor apresentar minha história de vida num contexto artístico, pois tal como disse Pineau (1999, p.331) O objetivo da escrita autobiográfica é que a pessoa em formação efetue um retorno reflexivo sobre o seu “trajeto para construir a partir dele um projeto de pesquisa-formação”.

No meu trajeto de vida, ao longo da minha infância e juventude, sempre busquei o ideal de ser uma artista completa, que na minha concepção é alguém que domina várias habilidades artísticas. Cada pessoa busca um ideal diferente, a definição de ideal, segundo o dicionário Aurélio é: Um conjunto imaginário de perfeições que não podem ter realização completa. A mais querida das aspirações, que só existe na ideia, que reúne toda a perfeição imaginável.

Assim menciona Cecília Salles em sua obra *O Gesto Inacabado* (1998, p.78) “O artista dedica-se à construção de um objeto que, para ser entregue ao público, precisa ter feições que lhe agradem, mas que se revela sempre incompleto. O objeto ‘acabado’ pertence, portanto, a um processo inacabado.”

Na minha infância tive como primeira concepção de modelo de artista completo, os artistas que eram divulgados pela mídia, nos programas de tv da época, feitos para descobrir novos talentos, como *Popstars*, *Ídolos* e *Fama*. Já na adolescência e início da vida adulta pude ver outros programas que seguiam essa temática, como os programas *The Voice*, *Super Star* e *High School Musical A Seleção* e o quadro *Artista Completão do Faustão*. Esses programas que assisti me inspiraram a formar esse ideal de artista completo.

Como vi alguns artistas assim, aqui no Brasil e no mundo, percebi que isso é possível, então idealizei algo assim para minha vida, que na minha visão era ideal, completo e perfeito. Busquei essa formação profissional em lugares especializados nesses segmentos artísticos. Por entre os caminhos que percorri, fiz aulas para aprender como atuar, cantar, dançar, modelar, performar, e ainda me sinto com vontade de aprender mais habilidades artísticas, tais como apresentar, compor, tocar instrumentos, pois sinto gosto por isso.

Estar no palco me apresentando me completa de uma maneira que pode ser melhor definida como realização profissional. Segundo Grossko (2010) “o que o profissional deseja é ser reconhecido pelo seu trabalho, pela sua capacidade de realizar as coisas o que lhe foi confiado. A realização vem através das necessidades de cada indivíduo, elas precisam estar satisfeitas”.

Para essa realização arrisquei estabelecer algumas conexões profissionais em cursos e trabalhos informais para me ajudar com o meu processo de preparação do meu ser artista completo.

Partindo desse princípio, tenho como o foco contar a minha trajetória na arte apresentando minhas vivências como fundamentação para análise crítica, divulgando as experiências vividas por mim, fazendo um registro histórico e cultural da minha época, mostrando as trajetórias que percorri, contribuindo para a herança do meio artístico paraense, tal como menciona Josso:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si, permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (2007, p. 414).

Visto que nossa memória pode ser eternizada em forma de escrita, descrevo neste trabalho minhas várias tentativas, acertos e erros, que se tornaram aprendizados, registrando os momentos que mais tiveram impacto em minhas vivências artísticas, visando contribuir para evoluções futuras no meio artístico em geral. Assim como fala Pollak:

Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida. (1989, p.8).

Quando eu acertava em uma escolha eu dava continuidade ao projeto e quando não estava dando certo havia uma ruptura e mudança de planos, visando preservar a minha integridade física e mental, as oportunidades não eram muitas, visto que na região metropolitana de Belém ainda são poucas comparadas à megalópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, os quais ainda não tive a oportunidade de visitar até o presente momento, porém as que me foram ofertadas eu aproveitei e investi meu tempo e esforço, dando meu voto de confiança em prol de adquirir a devida experiência artística.

2 COMO COMEÇOU A VONTADE DE SER ARTISTA

Mencionarei aqui as memórias que marcaram a minha vida, e que para mim foram como divisores de água, determinantes na escolha que fiz de seguir uma carreira artística. Posso não lembrar de tudo, mas apesar da minha memória e imaginação rivalizarem para me devolver às imagens que me ligam à minha vida, contei aqui o que eu pude rememorar, bem como menciona Bachelard:

Em sua primitividade psíquica, Imaginação e Memória aparecem em um complexo indissolúvel. Analisamo-las, mas quando as ligamos à percepção. O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. Já num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Para ir aos arquivos da memória, importa encontrar, para além dos fatos, valores. (...) . Então a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que nos ligam à nossa vida. (1988, p.99).

Quando eu era ainda bem pequena assistia novelas e filmes e me fascinava a interpretação dos atores e a dedicação deles pelos papéis que faziam, me impressionava mais ainda a mudança de um ator para cada personagem de novela diferente e me atraía a forma como eles eram levados à sério pelo público brasileiro, em especial minha mãe que parecia assistir com entusiasmo, concentração, se emocionar e se surpreender com aquelas cenas.

Também na infância, inspirada pelas novelas, eu comecei a brincar de escrever roteiros de cenas com falas para os personagens criados por mim, e brincava de interpretar os textos escritos, colocava ursos e bonecas para serem os personagens e também reservava falas para mim, sem fazer ideia do que o futuro me reservava.

Ainda na infância me impressionava uma festa que ocorria todo ano e que mobilizava o Brasil, chamado Carnaval, na época ainda não sabia o significado daquela data comemorativa e apenas achava bonito todo aquele espetáculo e alegria que envolvia o povo e que contagiava até minha família, que todo ano assistia aos desfiles na televisão, eventos como o Rainhas das Rainhas do Carnaval de Belém e as escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, mesmo quando a imagem ainda era chuviscada, me dava muita vontade de ver aquelas festas espetaculares acontecendo todo ano.

Uma dessas festas eram as festividades juninas, que no Brasil se dá pela

celebração do dia de São João e pode se estender no mês de junho inteiro, costuma ter músicas temáticas, quadrilhas, brincadeiras, comidas típicas e concursos de misses juninas, numa espetacularidade característica dessas festas. Festas espetaculares como essa existem há muitos anos em vários países, assim menciona Stanislávski em sua obra *A construção do personagem* (1970): "Esses espetáculos, festas populares, eram gratuitos, mas o artista é um profissional. Conseguia-se apoio econômico que tornava o desenvolvimento possível."

Certa vez, quando estava com cinco anos fui convidada pela minha professora na escola Núcleo Educacional de Criatividade Infantil-NECI, onde eu estudava, para ser a miss junina representando a turma, a decisão final cabia à minha mãe, que negou o convite naquele ano e nos anos seguintes quando fui convidada novamente, queria muito ter tido essa oportunidade na infância pois sempre achei maravilhoso, aquelas candidatas performando com seus figurinos esvoaçantes, dançando e apresentando uma coreografia espetacular, que durava uma música seguida de aplausos da plateia no ritmo da música, em um momento tão alegre e festivo.

Naquele tempo eu sonhava em ter o apoio de alguma professora ou instrutor com vontade de ensinar teatro, dança e outras artes, talvez na igreja ou na minha comunidade, ao menos para que eu pudesse praticar alguma arte performativa, pois eu era pequena e não tinha ainda autonomia para ir me matricular em cursos, oficinas e nem possuía dinheiro para pagar por isso, contava apenas com minhas primas e irmã em casa que me ensinavam a dançar e faziam daquele momento uma grande brincadeira lúdica de descontração.

Ainda sobre experiências que eu queria ter tido, aos nove anos de idade estava acompanhando minha mãe na fila de espera de uma clínica médica quando uma mulher se aproximou, falando para nós que era de uma agência de modelos e que havia gostado bastante do meu perfil, magra de cabelos compridos e ondulados e alta para aquela idade e disse que viu na minha pessoa um grande potencial de modelo para a sua agência, ela nos deixou seu cartão, e minha mãe foi logo me dizendo que não tinha interesse que eu seguisse esse tipo de carreira, guardou o cartão somente por cortesia e nunca ligou e nem teve interesse em me levar para conhecer a agência de modelos.

Fiquei triste, pois vi diante de meus olhos uma boa oportunidade passando e indo embora sem que pudesse fazer nada. Minha mãe nunca me demonstrou gostar

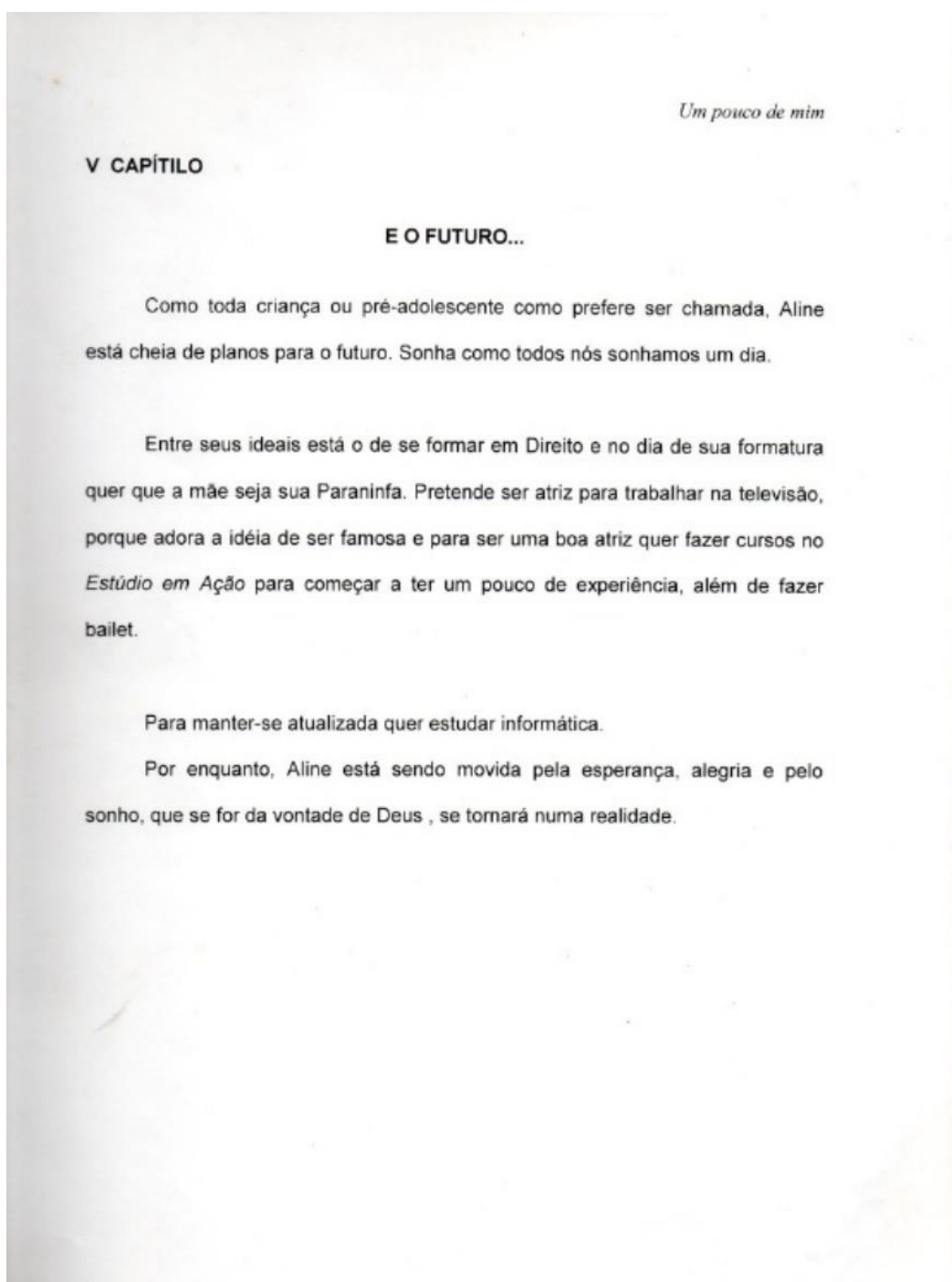
da ideia de que seus filhos seguissem carreira artística e me dizia que se preocupava que eu não tivesse estabilidade financeira no ramo artístico. Mesmo dizendo para ela que eu queria muito fazer isso, ela não dava muita credibilidade, por eu ser uma criança, acredito que ela achava que era um capricho passageiro.

Já com dez anos, tive a oportunidade de escrever um trabalho escolar em terceira pessoa contando minha história de vida e as expectativas que eu tinha para o meu futuro, como observa-se na foto a seguir que documenta e registra esse momento, que fez com que eu reafirmasse as minhas memórias e a minha vontade de seguir carreira artística desde a infância.

Nele eu menciono que gostaria de fazer o curso de direito, pois ainda não havia curso superior de teatro em Belém naquela época e eu nem imaginava que pudesse um dia ter essa grande oportunidade aqui. Também era da vontade de minha mãe que eu seguisse uma carreira jurídica. Esse sonho ela não realizou, porém no dia de minha formatura ainda pretendo que ela seja minha paraninfa.

Consegui estudar informática ainda naquela época, pois desde cedo minha família sabia que seria uma necessidade na minha vida adulta ter essa habilidade para ser aceita no mercado de trabalho, já que se falava muito em revolução tecnológica nos noticiários, então muito cedo fiz um curso de informática para ajudar na minha formação.

Figura 1 - Trabalho no qual expressei que queria seguir carreira artística

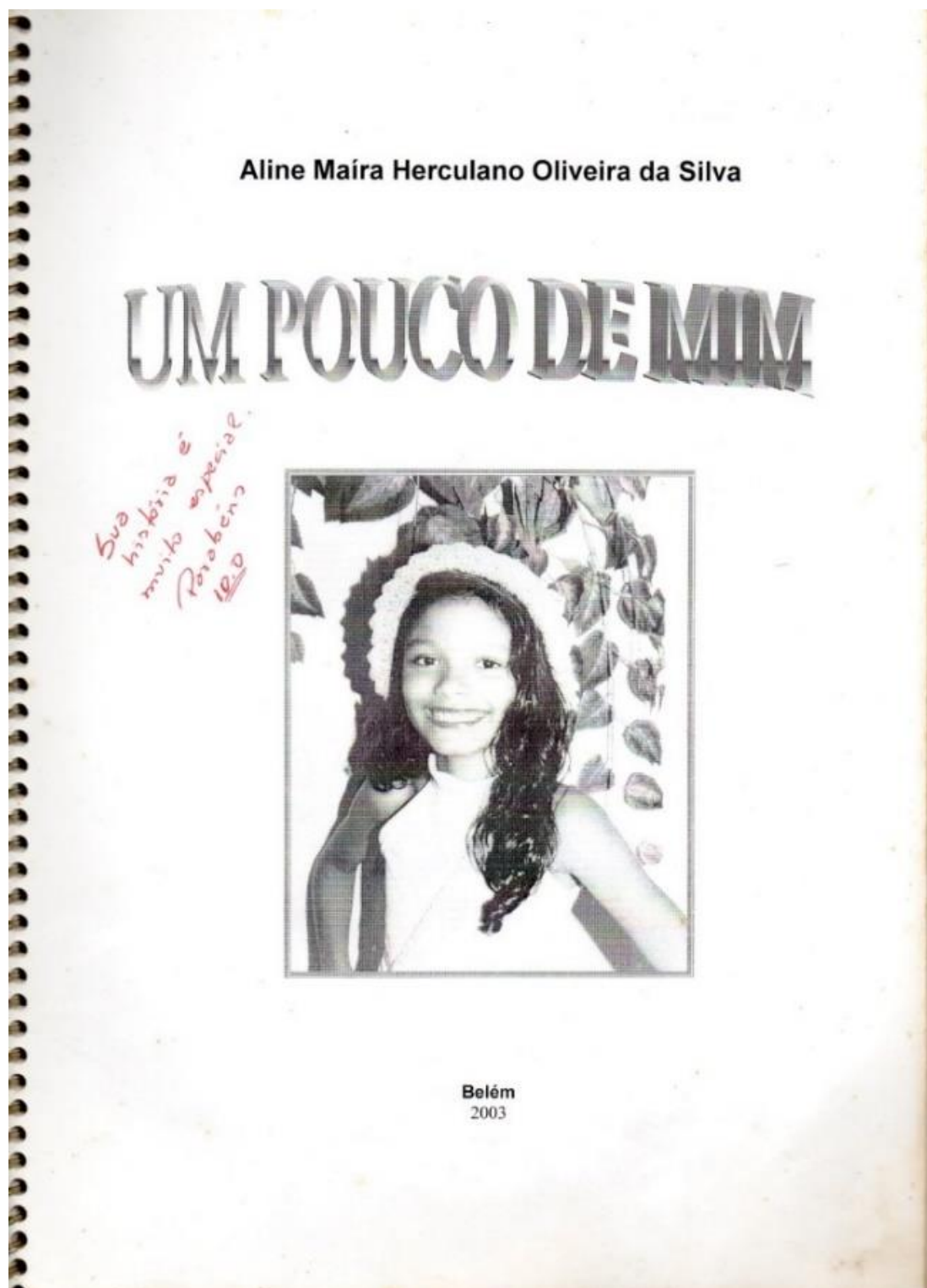


Fonte: Acervo pessoal. (2003)

Nesse trabalho tomei a autonomia de escrever com toda a certeza que queria fazer ballet e um curso de teatro na Estúdio em Ação, que era bastante popular naquela época, pois faziam bastante comerciais na TV aberta, acreditava que lá eu me prepararia para ser atriz, modelo propaganda e sentia que eu estaria dando o primeiro passo para ser uma artista completa em artes cênicas, mas esse

sonho não se concretizou na época. Mas fui parabenizada pela professora, que assinou dizendo que minha história era muito especial e me deu nota máxima.

Figura 2 - Capa do trabalho onde conto minha história de vida.



Fonte: Acervo pessoal. (2003)

3 O PRIMEIRO PASSO NA FORMAÇÃO ESCOLAR/ARTÍSTICA

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. POLLAK (1989, p. 3-15).

Com aproximadamente 5 anos comecei fazendo teatro na escola Núcleo Educacional de Criatividade Infantil- NECI no ensino infantil, dois anos depois de ter entrado no ensino formal, no qual conheci o fazer teatral. Desde o princípio achei fascinante essa arte, fiz algumas apresentações teatrais em sala de aula.

Em alguns momentos da minha trajetória escolar eu gostava bastante daquele faz de conta, que a princípio parecia uma grande brincadeira, no qual eu poderia ser diversas pessoas diferentes, minhas oportunidades eram as pequenas cenas montadas para datas comemorativas ou para conclusão de disciplinas durante o ensino infantil e fundamental.

O personagem mais antigo que me lembro fiz com aproximadamente 9 anos, foi o papel masculino de Apóstolo, em uma encenação pascoal da Santa Ceia na escola NECI, no qual eu e minhas amigas de turma tivemos que representar os apóstolos e pintar bigodes em nossos rostos para a caracterização dos mesmos, como pode-se ver na foto abaixo, onde estou ao centro. E anos depois, já no ensino fundamental, no colégio Adventista da Cidade Nova, quando eu tinha doze anos, no qual o tema da encenação era drogas, fiz o papel de uma garota de programa, que tinha o seu amigo morto e também um velório na cena final.

Naquela época as encenações eram feitas por criação livre dos alunos, sem seguir necessariamente um método de encenação, a única obrigatoriedade que tínhamos era seguir o tema e contar uma história, fazíamos ensaios e a cada improviso consultávamos o grupo para saber se estava bom daquele jeito e se estivesse prosseguíamos até que a cena tivesse começo, meio e fim. Nos baseávamos nas encenações que víamos nas novelas e filmes e eu ainda não sabia que existiam outras maneiras de representar, até então eu não havia tido aula de teatro propriamente, não sabia as noções de base, foco, e outras técnicas teatrais.

Figura 3 - Apóstolos da Santa Ceia



Fonte: Acervo pessoal. (2002)

Anos mais tarde, depois de muito tempo parada sem atuar entre 2007 e 2009, no ensino médio, eu não me via tendo a oportunidade de fazer teatro, pois a escola em que estudava já era mais voltada a ensinar conteúdos teóricos de vestibular exclusivamente, pois era uma escola que queria manter sua fama de maior aprovação no vestibular de Belém, onde valorizavam o mérito de tirar nota máxima no Enem ou passar em primeiro lugar nos cursos mais difíceis.

Lá tive a impressão de que os cursos mais valorizados pela escola eram Medicina, Direito, Administração e Engenharias, por serem os mais difíceis de serem aprovados no vestibular, isso trazia maior reconhecimento e mérito para a escola, enquanto os cursos artísticos não eram mencionados ali e meu receio era que se eu dissesse que queria fazer teatro ou dança poderia virar alvo fácil de menosprezo ou deboche dos demais.

Por conta desse medo que eu tinha de não ter aprovação da sociedade e da família, optei por tentar Pedagogia na Universidade Estadual do Pará- UEPA, porque minha mãe foi professora durante 25 anos, e também porque meu irmão era biólogo e professor na Universidade Federal do Pará- UFPA, mas acabei passando somente na pedagogia em 2010, a qual cursei durante um ano, nesse tempo também consegui um estágio no departamento de trânsito de Belém, o DETRAM, onde fiquei um ano estagiando na biblioteca do local.

Apesar de gostar muito do meu ambiente de estágio, por ser tranquilo, amigável e agradável, aos poucos fui descobrindo e percebendo que a pedagogia

não era o que eu realmente queria pra mim e que não me faria tão feliz, percebi que eu não queria ser professora para sempre, pois minha vontade maior era ser atriz, após um ano no curso tranquei, pois eu queria satisfazer a minha necessidade de ser artista, de alguma forma. O estágio era vinculado ao meu curso com contrato de um ano.

Em 2011 aos dezenove anos, já maior de idade, com a pedagogia trancada, iniciei o cursinho pré-vestibular e procurei por conta própria uma companhia de teatro próxima para fazer aulas em Belém, encontrei uma companhia de teatro na internet chamada Notáveis do Palco, peguei as informações necessárias, fui lá e me inscrevi no workshop de interpretação para cinema e televisão durante um mês, que culminou com um DVD book de três cenas como resultado final. O investimento foi de cem reais.

Nessa minha primeira experiência em um curso de teatro, me foi apresentada a proposta de que quem se saísse melhor nas encenações do workshop ganharia um papel em um futuro curta metragem daquela companhia, haviam duas vagas e me esforcei bastante passando a madrugada inteira sem dormir, lendo, decorando e ensaiando os roteiros das três cenas com exatidão, mas apesar do meu empenho, não cheguei a ser escolhida para o curta metragem.

Como na época eu era muito tímida não tive coragem de perguntar o que eu poderia melhorar ou o porquê de eu não ser escolhida, apesar disso eu estava em paz com a minha consciência de saber que eu havia feito o meu melhor até então como aprendiz.

Essa experiência do workshop foi boa para eu ter noções básicas de alguns termos técnicos utilizados no cinema, algumas marcações de palco, congelar a cena quando o diretor precisar mudar o ângulo da câmera, quando ele estiver usando só uma câmera, contar mentalmente cinco segundos depois que o diretor disser corta e segurar a cena antes de desfazer, e poder vivenciar situações de filmagens que requerem muita paciência e dedicação, como nos ensaios e repetições.

Na foto a seguir estou segurando meu certificado junto com a minha turma daquele workshop, estou no canto inferior direito, de azul, também pude conhecer um aluno que seria no ano seguinte meu colega de turma na Licenciatura em Teatro,

que está ao centro na fileira de cima, o professor está ao centro na fileira de baixo sem certificado nas mãos.

Figura 4 - Meu primeiro workshop de teatro



Fonte: Acervo pessoal. (2011)

Como eu já tinha vontade de ser atriz profissionalmente há anos, o próximo passo para consolidar essa carreira seria ir atrás da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará. No final de 2011 fiz uma visita e consegui informações sobre os cursos, descobri que lá havia um workshop de leituras dramatizadas, ministrado pelos professores Edson Fernando e Valéria Andrade, o qual fiz e tive muitas lições de expressão vocal no processo, além de ter o meu primeiro contato com a universidade.

Uma das lições que me recordo foi o exercício de colocar um lápis na boca e praticar a leitura com o lápis na boca, pra quando tirássemos o lápis e lêssemos o mesmo texto a articulação da boca estaria mais flexível, a leitura estaria facilitada e mais nítida, esse workshop durou aproximadamente dois meses e foi um grande aprendizado pra mim, e teve várias lições de expressão vocal e modulações da voz, gostei bastante de finalmente conhecer a universidade que eu já queria frequentar.

3.1 Formação universitária

É, portanto, mediante a categoria de “memória coletiva” de Halbwachs que a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. SILVA (2016, p.247-253).

No final daquele ano optei por fazer o vestibular para teatro na Universidade Federal do Pará-UFPA, tendo turismo como a segunda opção de curso, e na Universidade Estadual do Pará-UEPA, tentei design de produto, pois eu também me interessei por design e suas segmentações, ao mesmo tempo tentei design de produto também no Instituto de Ensino Superiores da Amazônia-IESAM.

Além da prova do Enem, tive que fazer a prova prática e teórica para a licenciatura em teatro. Confesso que no dia da prova prática ainda não estava muito confiante de que seria aprovada, por ter pouca experiência teatral, mas lembro que meu irmão me ajudou gravando o áudio que usei na cena e me ajudou dando incentivo para ir sem medo, pois se desse certo seria maravilhoso, mas se não desse certo eu não precisava me preocupar, pois eu dificilmente veria aquelas pessoas novamente, então ensaiei, tomei coragem, levei os objetos cênicos, a música e fui.

Meses depois o dia do listão da UFPA chegou e descobri que passei na UFPA e no IESAM em outro dia. Acabei optando pela Universidade Federal, pois além de ser pública, era um curso que me atraía mais, o diploma de uma universidade federal seria melhor reconhecido e o curso seria bem mais barato do que pagar uma mensalidade tão cara em uma universidade particular. Fiquei imensamente feliz e esperançosa de que eu fosse aprender várias técnicas de atuação ao longo dos quatro anos de curso, como sempre imaginei nos meus sonhos de infância.

Após entrar para Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará-ETDUFPA tivemos a primeira aula nós tivemos a aula de Trajetória do Ser e nessa aula 30 alunos tiveram a oportunidade de se conhecer melhor e conhecer melhor o curso, depois de ter conhecimento da introdução da disciplina e das regras básicas exigidas pela professora Wlad, a professora pediu para que nós tirássemos do nosso corpo todos os objetos que não fossem necessários para aquela aula, ela estava se

referindo aos relógios, bijuterias, celulares, sapatos, pois poderiam nos atrapalhar nas atividades, mas teve gente que não entendeu e tirou a roupa. A professora disse que não havia necessidade de tirar a roupa e aproveitou para falar que nas próximas aulas era bom que nós fôssemos de roupas leves, de preferência preto.

A primeira atividade foi em dupla e nós tínhamos que conhecer um pouco mais do nosso parceiro (a) de atividade e procurar saber como era a vida daquela pessoa, família, história, objetivos, árvore genealógica e tudo mais que nós pudéssemos descobrir naquele intervalo de tempo, e também deveríamos deixar a pessoa sabendo as mesmas coisas de nós. Antes da atividade começar nós tínhamos que observar bem todas as pessoas ali presentes e procurar esvaziar a mente enquanto observávamos atentamente uns aos outros e depois disso escolhíamos a pessoa que iria fazer a dupla conosco.

Depois disso nós tivemos um breve intervalo, ao retornarmos nós tivemos que fazer uma outra atividade, na qual tivemos que ir lá na frente de todos (que encontravam-se sentados no chão, desde o início da aula) e falar sobre a nossa vida, nossa família, citar nomes dos nossos parentes e tínhamos que falar sobre nossa árvore genealógica e no final nós deveríamos descrever a casa em que nós passamos a nossa infância, a casa que mais marcou a nossa vida e que foi mais especial para nós.

Segundo a própria professora Wlad Lima, a disciplina Trajetória do Ser tinha como objetivo dar voz às experiências e histórias de vida de cada pretendente à artista que chega ao teatro e que essas experiências e relatos se tornem matéria cênica. Com o decorrer do curso fui descobrindo na prática e na teoria os diversos caminhos do fazer teatral. Conheci vários artistas que viraram meus colegas de turma, alguns foram me indicando e convidando para trabalhos paralelos ao curso de Licenciatura em Teatro os quais menciono no capítulo a seguir.

Na minha vida acadêmica de teatro, fiz alguns amigos mais próximos que estavam sempre comigo fazendo trabalhos, ajudando, apresentando seminários, como Leonardo Moraes, Jairo Barbosa e Rafaelle Siqueira, que aparecem na figura abaixo, os primeiro dois anos de curso foram os que eu mais gostei, tanto pelos amigos que eu havia feito na turma, quanto pelos módulos, que continham várias disciplinas de práticas teatrais que para mim eram as que mais me interessavam e que eu tinha mais afinidade e gostava.

Figura 5 - Apresentação de seminário na Licenciatura em teatro-UFPA



Fonte: Acervo pessoal. (2012)

No final de 2013 por questões pessoais psicológicas, acabei não sendo aprovada no último semestre em algumas disciplinas, com isso perdi minha turma inicial e tive que aguardar até a próxima turma chegar ao meu semestre, na próxima turma encontrei dificuldade em me enturmar, algumas pessoas agiam com indiferença, de outras sofri rejeição logo de cara, e de algumas cheguei a sofrer bullying com provocações constantes que me faziam sentir envergonhada, deslocada e rejeitada.

A reforçar a sua definição, o bullying é caracterizado pelos seguintes critérios: (i) a intencionalidade do comportamento (DeHaan, 1997; Olweus, 1993; Pereira et al., 1994), isto é, o comportamento tem um objectivo que é provocar mal-estar e ganhar controle sobre outra pessoa; (ii) o comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo (Mellor, 1990; Olweus, 1994), isto é, este comportamento não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser crónico e regular; (iii) um desequilíbrio de poder é encontrado no centro da dinâmica do bullying (e.g. Olweus, 1993; Pereira et al., 1994), onde normalmente os agressores vêem as suas vítimas como um alvo fácil. LIMA (2001, p.539).

Esse episódio, que foi um período muito triste e difícil em minha vida, culminou com um período de depressão e aos poucos fui perdendo a vontade de ir para a universidade, pois lembrava da sensação desagradável que eu sentia de estar lá por conta das pessoas que eu sabia que encontraria ali e por medo de ser novamente atacada verbalmente. Como eu já havia assistido antes as aulas da matéria que eu reprovei eu não via sentido em ir ver de novo o mesmo conteúdo repetido e por isso ficava em casa onde eu sabia que eu estaria a salvo de todas as provocações.

Todas as vezes que eu não tive coragem de ir para aula, apesar de ficar em casa, ansiosa, trancada em meu quarto, acabava levando falta e acabei sendo reprovada novamente por conta disso em algumas disciplinas, que me fizeram perder o ano mais uma vez e entrar para outra turma, sem contar as discussões em família que tive por eu estar faltando, eu não sabia nem como explicar tudo o que estava acontecendo.

Cheguei a frequentar uma psicóloga pelo meu plano de saúde, que me deu assistência e me ajudou a superar isso, esse meu medo paralisante de adentrar as salas de aula da minha instituição. Logo em seguida, depois desse meu episódio de depressão, veio a greve da UFPA, uma paralisação dos professores, que durou aproximadamente um ano e que consequentemente também me atrasou no processo de conclusão do curso.

Enquanto escrevia e rememorava esses episódios de minha trajetória, lembrei de todos os meus sucessos e fracassos, esse processo tem sido doloroso, por se tratarem de assuntos delicados e por mexer diretamente com minha memória emocional, porém isso também contribuiu para minha evolução, aprimoramento profissional e pessoal, da mesma forma como menciona Moraes:

Ao rememorar minha história de vida sei que será um momento solitário e doloroso, doloroso por lembrar-me de perdas ao longo de minha trajetória de vida, mas também de alegrias por reconhecer que as perdas, os sofrimentos me fortaleceram, tendo uma compreensão melhor do mundo, é com esta nova ótica que venho discorrer sobre minha vida. MORAIS (2013, p. 9).

3.2 Formação complementar

Para tanto, a memória na concepção de Halbwachs é um processo de reconstrução, devendo ser analisada levando-se em consideração dois aspectos: o primeiro refere-se ao fato de que não se trata de uma repetição linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais; por outro lado, se diferencia dos acontecimentos e vivências que podem ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais. SILVA(2016, p.248).

Em 2013, enquanto estudava na UFPA, ainda antes dos problemas psicológicos, fiquei sabendo das oficinas ofertadas pela Fundação Cultural Curro Velho, lá fiz uma oficina de dança do ventre para iniciantes com a professora Jane, na qual pude ter as primeiras aulas de dança da minha vida, lá nas aulas nós

tínhamos alongamentos, história da dança do ventre e aprendíamos os passos básicos, posição de mãos e de pés, e ensaiamos uma coreografia para apresentar no último dia, o curso durou um mês e teve como resultado uma apresentação final com todas as meninas, na qual apresentamos para a comunidade que frequentava o Curro Velho.

Na foto a seguir à direita, ao lado de uma colega de turma no dia da apresentação final, a qual tínhamos ensaiado o workshop inteiro.

Figura 6 - Apresentação de conclusão de curso curro velho



Fonte: Acervo pessoal. (2013)

Em 2014, um pouco antes da depressão, vi no mural da universidade uma chamada para um teste de elenco em uma nova companhia de teatro chamada CENART, uma companhia nova em Belém na época, fui até o teste e concorri com dezenas de pessoas no primeiro dia que consistiu das seguintes etapas: decorar um pequeno texto e encená-lo, cantar um trecho de alguma música que eu gostasse e aprender uma coreografia e reproduzi-la. Passei nas três fases e entrei para o elenco do Cenart musical show.

Figura 7 - Pessoas escaladas para compor o elenco do Cenart.



Fonte: Acervo pessoal (2014)

Esse processo foi inovador para mim na época e muito enriquecedor, tanto pelos amigos que fiz ali, como por eu conhecer um pouco do processo de criação de um musical, foi um trabalho árduo de sete meses de ensaio todos os fins de semana de 8 da manhã até o meio dia, com muita coreografia, repetição, esforço e suor para o aprimoramento de cada cena do musical.

As propostas iniciais eram de que nós faríamos parte de três espetáculos ao final desse musical show, cheguei até a receber um roteiro e um papel de antagonista para um dos espetáculos, mas infelizmente acabou tendo só o musical show e depois disso não houveram mais apresentações da companhia.

Os ensaios ocorriam aos sábados de manhã na sede do Centro Social dos Suboficiais e Sargentos do Primeiro comando Aéreo Regional-Cassazum, na Duque de Caxias, e duravam aproximadamente cinco horas por dia, eu não era remunerada e nem recebia dinheiro da passagem, tivemos que aprender várias coreografias de musicais famosos nesse processo, aprender as partes que tínhamos que cantar, ensaiávamos na frente de um espelho enorme, o que ajudava bastante pois poderíamos ver onde estávamos acertando e errando.

Depois de muito esforço, na apresentação final tivemos vários quadros que foram cortados, pois haviam vários atores saindo da companhia no meio do processo, dos quais apresentei três, tivemos que relutar para um quadro nosso permanecer, pois o diretor queria retirar nosso quadro por falta de atores masculinos, sendo que haviam sido expulsos alguns atores que faziam parte do

nosso quadro. Meu grupo já havia ensaiado durante meses para aquele quadro e eu havia comprado até figurino sob encomenda para ficar fidedigno ao personagem, que me havia custado mais de cento e cinquenta reais, um investimento sem retorno financeiro, pois o trabalho não era remunerado, esperei dois meses para chegar o figurino e outras atrizes também já haviam comprado o delas.

Mesmo com tudo isso pronto, meu grupo e eu tivemos que persistir muito para a permanência do nosso quadro, colocamos papéis femininos para substituir os homens que faltavam e tivemos que ensaiar em local improvisado, na cantina do Cassazum, que não tinha muita privacidade, pois não nos foi concedido a sala para o ensaio do quadro, mas com toda a nossa insistência o quadro pôde permanecer e no dia da apresentação foi um sucesso, cantamos e dançamos conforme nos ensaios, a platéia aplaudiu entusiasmada e foi muito gratificante ver a concretização de nossos esforços.

Figura 8 - Performando no Cenart Musical Show



Fonte: Acervo pessoal. (2014)

Acima a foto do quadro que eu sugeri que tivesse, do musical Teen Beach Movie, a música Cruisin For a Bruisin, que consistia de oito pessoas no nosso elenco, onde eu cantava e fazia uma das personagens principais da cena.

Pode-se verificar na foto abaixo um registro do evento, na execução da cena final que era inspirada no Filme High School Musical A seleção, onde estão todos os atores do elenco na hora do encerramento apresentação final do Cenart Musical Show.

Figura 9 - Dia do musical show da Cenart



Fonte: Acervo pessoal. (2014)

Após isso, um colega que fiz na Cenart me apresentou a possibilidade de fazer um teste para um curso de canto em um curso recém criado de canto que estava chegando em Belém, o qual prefiro não mencionar o nome, lá fiz o teste e ganhei uma bolsa de estudos de sessenta por cento de desconto, nesse curso além das aulas de canto e teoria musical, prometiam que faríamos shows musicais periodicamente, as aulas eram feitas na sala de uma casa bem pequena no bairro da Marambaia.

Lá eu frequentava as aulas duas vezes na semana e ia aos ensaios das coreografias no sábado e domingo, foi um processo muito puxado que durou três meses intensos. Principalmente porque era muito longe do meu bairro e eu tinha que me locomover todos os dias pagando passagens e enfrentando sol quente por conta dos horários.

A turma e eu fomos inclusive vender bolo e brigadeiro em uma praça para arrecadar dinheiro para pagar as despesas das apresentações, apesar da metodologia de ensino da teoria musical ser boa, a parte prática dos ensaios das músicas para mim deixou a desejar, pois foi muito corrido, visto que haviam muitos alunos pra ensaiar suas músicas em um curto período de tempo, acabava ficando pouco tempo para cada aluno ter a atenção dos professores, eu cantava três vezes no máximo e já tinha que ir o próximo aluno ensaiar.

Infelizmente, lá eu senti uma certa falta de organização institucional, além de não haver frequência dos alunos pra manter o controle de faltas, a forma como eu fui tratada ao final do processo considero uma das mais informais e inapropriadas que

eu já vi em um curso, quando eles achavam que eu havia faltado três dias consecutivos me mandaram uma mensagem de texto dizendo desaforos, sem medir as palavras e sem levar em conta que eu sempre os respeitava e estava ajudando e dando meu máximo para ajudá-los.

Mesmo eu havendo dedicado muito esforço, sempre na boa vontade para com eles na produção do musical, levando-os aos lugares de conhecidos meus que já iriam dar o patrocínio à eles por indicação minha, mesmo depois de eu ter passado uma madrugada inteira acordada fazendo folderes pra eles para a divulgação do show, apesar de tudo isso, ainda sim a forma com que me abordaram foi muito injusta, decidi que seria melhor pra mim me afastar de lá para sempre e cortar relações, as pessoas para quem mostrei a mensagem deles também ficaram indignadas, depois de tudo o que eu havia feito por eles, considero uma falta de consideração e de respeito a forma que me trataram.

Após essa ruptura, descobri a Academia de música e tecnologia- AM&T, uma instituição que, ao meu ver, era mais formal e organizada, na qual apesar da mensalidade ser mais cara, para mim valia a pena cada centavo, pois além dos professores terem uma postura pedagógica que hoje tenho como exemplar, estando sempre lá no horário da aula, passando sempre a frequência, reservando atenção para no máximo três alunos por turma, ensinando além de teoria musical, ensinavam as estratégias para cantar melhor, tais como o controle do diafragma, o uso da respiração, os melismas, os solfejos apresentadas com repetições e paciência, eu consegui aprender muito com eles e ter mais atenção dos professores.

Eles acompanhavam nosso canto em cada aula tocando teclado, havia respeito, seriedade, dedicação e consideração nessa instituição, na qual me reestabeleceram a confiança no canto e o despertar da minha potencialidade no cantar, entonar, modular e entoar a minha voz, aprimorando assim as minhas habilidades. E o melhor de tudo era que era bem próximo de casa, então eu poderia ir andando sempre.

Nessa escola eu estudei por aproximadamente cinco meses e dali eu tirei exemplos bons para a minha vida, pois a seriedade, profissionalismo e comprometimento que encontrei me traziam mais confiança e melhor preparação técnica vocal, também fiz um mês de aulas de violão lá, só saí do curso pois me

apareceu a oportunidade de fazer um curso de design gráfico em outra instituição e eu precisava do dinheiro para pagar o novo curso que oferecia certificado internacional.

Figura 10 - Aula particular de canto na escola AM&T



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

Apesar de ter largado o curso particular, em 2016 decidi fazer a prova para o projeto canto popular da Escola de Música da UFPA- EMUFPA, no qual eu precisei fazer a minha inscrição em uma manhã, fazer um teste de canto em outra manhã e aguardar um listão sair dias depois, no dia vi mais de cem inscritos para trinta vagas, eu fui aprovada e no primeiro dia de aula nos foi avisado que só foram aprovados os alunos com notas de nove à dez pontos.

Fiquei feliz em saber da nota alta que tivemos, esse projeto tinha tudo para dar certo, pois além de ser em uma instituição federal, eu também poderia ir para as aulas andando, apesar de ser em média dez quarteirões todas as manhãs, duas vezes por semana, fazia gosto saber que eu aprenderia mais técnicas de canto e melhoraria minhas habilidades artísticas sem ter que abrir mão do curso de design gráfico que eu estava fazendo por conta da questão financeira.

As primeiras aulas foram de presenças de palco, canto coral e introdução à teoria musical, nós fizemos uma apresentação em uma palestra de boas-vindas para os novos professores da UFPA no auditório Benedito Nunes na mesma instituição, e estava indo tudo bem, a turma era tranquila, com relação aos colegas de classe,

mas infelizmente as aulas para trinta alunos não estavam tendo o rendimento que eu esperava, pois em uma manhã, das oito até meio dia, só podíamos ouvir em média três pessoas ensaiando de cada vez no palco com o microfone, enquanto os demais deveriam ficar sentados só observando aquela pessoa tentando e errando de novo até acertar.

Era bem demorado esse processo, pois muitas vezes a maioria de nós ia para lá apenas para assistir os outros ensaiarem, também haveriam apresentações de músicas em participações de eventos da Universidade Federal e no decorrer do processo eu adoeci dos rins e precisei me ausentar por um período e quando eu voltei, ansiosa pelas aulas, tive a infeliz notícia de que não poderia mais continuar no curso, pois eu havia faltado por aquele período.

A maneira como me foi dada a notícia para mim, ao meu ver foi a pior possível, dado o constrangimento de ser na frente da turma inteira, quando estavam todos em roda prestando atenção, o que me pegou de surpresa, não dando chance de mostrar atestado e nem de me explicar, não consegui conter a emoção da decepção que eu estava passando ali, tentei argumentar, mas não me deixavam concluir, eu jamais esperaria tal atitude vinda de uma professora concursada, a falta de delicadeza com que ela se dirigiu à mim foi algo que me traumatizou e chocou, pois como ela possuía uma voz autoritária e jeito austero ficava mais difícil de conversar com ela.

Convoquei na diretoria um reunião com a pedagoga para intermediar o caso, na qual ouviu as duas partes envolvidas, e concluiu que por se tratar de um projeto e não de um curso técnico ou superior, ela não podia fazer nada para mudar a decisão da professora sobre me retirar do curso, pois a professora tinha autonomia sobre o projeto. Esse acabou sendo outro caso de ruptura, no qual eu mudei meus planos.

Já em 2018, após os episódios de depressão, fiz uma oficina na Fundação Curro Velho, de cinema de guerrilha, no qual havia um professor de Brasília que apresentava com slides, termos técnicos do cinema, os tipos de enquadramento, os tipos de filmagens, de cortes, efeitos de continuidade, a fazer um roteiro de ação com storyboard e como capturar melhor os áudios e as imagens com baixo custo e com poucos recursos. Foi um curso bastante produtivo, cada equipe deu uma ideia

de curta metragem e usamos os dias de aula para aprender técnicas e planejar o curta.

Paralelamente o professor lançou a ideia dele e nos perguntou qual equipe aceitaria fazer parte, apresentei a minha ideia e participei da produção do curta metragem da minha equipe, como atriz e roteirista, nos últimos dias apesar de o professor voltar sua atenção para a equipe que estava produzindo o projeto pessoal dele, tivemos a noção de como dirigir um curta metragem e a fazer vídeos com poucos recursos. Nosso curta metragem ficou muito bem filmado, porém faltou acrescentar uma animação, pois ninguém do meu grupo sabia como fazê-la.

3.3 A formação na língua inglesa

Paralelamente a isso, eu sempre via a necessidade de aprender um outro idioma para aprimorar minhas habilidades e explorar melhor o meio artístico, pois para mim um artista completo também tem que saber falar outros idiomas, possibilitando-o habilidades como cantar músicas em inglês, ler textos em inglês, viajar para outros países e fazer shows internacionais.

Antes disso tudo, em 2006, pedi pra minha família pra que eu pudesse fazer um curso de inglês, eles me matricularam quando eu tinha quatorze anos no curso de idiomas Beverly, pois era uma escola que nos havia sido muito bem recomendada. Estudei lá por dois anos, até 2008, fazendo o curso iniciante, o básico e o intermediário, após isso precisei parar, pois minha família acreditava que eu precisava me dedicar exclusivamente para o vestibular.

Após cinco anos parada, em 2013 quando eu já estava no curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, resolvi procurar um curso pra continuar meu estudo de inglês e voltei a estudar no Centro de Cultura Anglo Americana-CCAA, um curso de inglês que ficava na mesma rua da minha universidade, lá estudei por um ano, fiz o intermediário novamente, infelizmente resolvi trocar de curso, pois a turma que eu estava era de adolescentes e eu não estava conseguindo me concentrar e ter aproveitamento das aulas com tantas conversas paralelas e interrupções dos adolescentes, brincadeiras fora de hora, risadas constantes nas horas em que a professora tentava explicar o conteúdo, o que atrapalhava bastante, pois ela parava a aula para discutir com eles.

Após essa ruptura procurei um curso mais em conta e com turma de adultos, encontrei o Cultural Norte Americano- CNA, lá eu gostei muito da metodologia utilizada, pois na minha visão o conteúdo era excelente e muito completo comparado aos outros cursos onde estudei, eu tinha até uma professora canadense que apenas falava inglês conosco e que me fez perder a vergonha de conversar com estrangeiros, lá inclusive conversei com idosos de um asilo dos estados unidos em 2015, o qual eu não me recordo o nome, mas não éramos nós que escolhíamos, o CNA tinha parceria com eles e as conversas eram feitas em videoconferências pela internet.

No meio dessas experiências apareceu a oportunidade de participar de um concurso de canto do CNA, chamado The Voice CNA, que imitava o programa de tv na qual pessoas são ouvidas e se os jurados gostarem poderiam virar a cadeira para aprovar o candidato, lá concorriam três unidades dos bairros: Umarizal, Ananindeua e São Braz, haviam três juradas, e cantei fazendo dupla com uma colega de Classe chamada Thais, felizmente conseguimos ganhar em primeiro lugar, após passarmos por três etapas em dias diferentes, ganhamos um troféu e uma experiência incrível e muito gratificante.

No primeiro dia, da figura a seguir onde estou de blazer rosa eu e minha colega de classe cantamos a música Lucky, de Jason Mraz e Colbie Caillat, no segundo dia, o qual estou no palco de shorts, optamos por cantar A Thousand Miles, de Vanessa Carlton e no terceiro dia, o qual estou do lado esquerdo da figura, cantamos Man I Feel Like a Woman, de Shania Twain, como pode-se observar nos registros dos três dias a seguir.

Figura 11 - Primeira fase do The Voice CNA



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

Figura 12 - Segunda fase do The Voice CNA



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

Figura 13 - Fase final do The Voice CNA



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

4 O MERCADO DE TRABALHO

Apresento neste capítulo o relato de minhas experiências com intuito de contar o que aconteceu na minha busca por ganhar experiências, reconhecimento e remuneração, pra começar a ter estabilidade na minha tão sonhada carreira artística, quando fui em busca de trabalhos, que apesar de informais e sem carteira assinada, eram os que eu tinha acesso na região metropolitana de Belém, pois depois de tudo o que eu havia aprendido nos cursos eu queria pôr em prática, senão de nada me adiantaria, tal como afirmou Tchékhov: O conhecimento não serve de nada, a não ser que se ponha em prática.

Alguns dos episódios a seguir aconteceram em 2014, quando alguns colegas da companhia Cenart. Me ofereceram a oportunidade de fazer participações em alguns canais e Vlogs do Youtube, anexos no DVD que acompanha o trabalho, fiz participação em cinco vídeos de canais diferentes, como atriz, cantora e bailarina, inclusive um deles teve mais de oitocentos mil visualizações, observadas no contador do Youtube, que fica abaixo do vídeo, todos esses trabalhos foram feitos sem remuneração.

Para mim, alguns desses vídeos foram bem difíceis de serem filmados, por vários aspectos, tais como sol quente, locomoção, ensaios longos, muito esforço e suor nas repetições exaustivas em lugares públicos, um deles era um Flash Mob, que são aglomerações instantâneas de pessoas em um local público para realizar uma dança inusitada previamente combinada, era em uma praça e ensaiei com o grupo por duas semanas seguidas para fazer uma coreografia, não havia cachê, apenas a promessa de visibilidade e publicidade, o vídeo já estava atingindo mais de oitenta mil visualizações na plataforma do site Youtube, mas foi apagado poucos meses depois sem aviso prévio pelo dono do canal que simplesmente resolveu tirar do ar.

Um desses vídeos que fiz sem remuneração foi para um canal de amigos meus que fiz na Cenart, consistia de uma música cantada por nós enquanto, cenas da gente se reunindo para comemorar o ano novo passavam intercaladamente, foi uma gravação boa e amistosa, mas o vídeo em si não teve muitas visualizações, mas ainda permanece no ar no Youtube, como mostrado na figura a seguir, onde estou de roupa branca.

Figura 14 - Chamada de ano novo para o canal de amigos.



Fonte: Acervo pessoal. (2014)

Ao longo de 2014 me surgiram oportunidades de participar de pequenos eventos locais como modelo, como eu havia malhado e feito musculação em academia por um bom tempo, estava começando a ficar com um corpo em boa forma e mais definido com mais musculatura e estava cuidando bastante da minha aparência física, com investimentos em academia, salão de beleza, cosméticos, maquiagens, busquei nas redes sociais alguém que trabalhasse com modelos e enviei algumas fotos de books fotográficos que já havia feito, enviei para dois perfis de preparadores de modelos conhecidos em Belém, os quais prefiro não mencionar o nome por motivos pessoais.

O primeiro parecia estar muito atarefado e demorou muitos meses para visualizar e responder, mas o segundo, que já trabalhava há mais de vinte anos preparando modelos para passarela e eventos, me adicionou no grupo de modelos que ele tinha nas redes sociais e nos avisava toda semana quando haveriam os eventos.

O primeiro evento foi uma sessão de fotos na Mônaco Moto Center, que serviu para anunciar o concurso do circuito musa moto clube daquele ano, em parceria com eles, fiz as fotos, conheci outras garotas que trabalhavam com ele desfilando, mas não participei do concurso, pois já estava na segunda fase e já não poderia mais entrar, ainda não conhecia direito o mundo dos concursos de beleza, mas me fascinava a ideia de participar e ganhar algum concurso um dia, abaixo mostro um registro do meu primeiro ensaio fotográfico como modelo iniciante.

Figura 15 - Primeira sessão de fotos como modelo.



Fonte: Acervo pessoal. (2013)

Apesar de não ter sido remunerada pelas fotos, decidi continuar participando dos eventos que ele me convidava, com o intuito de ganhar experiência nesse mercado, com essa pessoa fui convidada para eventos em sedes de agência de modelos, fiz sessões de fotos como modelo fotográfica, de 2013 à 2015 e desfilei em alguns concursos pequenos em Belém do Pará nesse período, e fiz participações em alguns programas de televisão local, tais como Paranóia na TV, TV cidade, O Melhor do Pará e Ver-O-Show, como apresento a seguir os que guardei registro fotográfico, que podem ser observados nas figuras a seguir.

Figura 16 - Em entrevista ao programa O Melhor do Pará.



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

No evento acima fui chamada no mesmo dia de manhã para gravar a tarde no programa local O Melhor do Pará, lá eu e outras duas modelos fomos entrevistadas e ajudamos a promover um concurso de beleza anunciado pelo mesmo programa, pude cantar também e desfilar, estou à esquerda da foto com o microfone.

Os eventos de gravação eram realizados em um local específico previamente acertado pelo grupo do aplicativo Whatsapp onde estavam as modelos que faziam parte do agenciamento dele, que ocorria apenas pela forma verbal, sem contrato escrito, íamos por conta própria e nos encontrávamos lá, não havia remuneração nem auxílio condução, nem seguro, nem garantias.

Ao longo do processo tivemos aulas com ele de como desfilar, como se portar nos concursos, como sentar diante das câmeras, como fazer giros de passarela. As aulas eram gratuitas e ocorriam na Galeria Br, em frente ao shopping Castanheira, aos sábados de manhã, não tínhamos muita privacidade, pois qualquer pessoa que entrasse ali podia ver a gente tendo aulas e muita gente parava para assistir, era um pouco constrangedor, principalmente por que haviam estudantes de escola pública que frequentavam ali e ficavam exercendo assédio moral, como assobios e provocações verbais, eu me sentia incomodada e constrangida.

Na foto a seguir mostro um evento no qual desfilamos para divulgar o concurso de beleza Destaque Metropolitano, do ano de 2015, no qual eu participaria, porém descobri no meio do processo que eu precisaria arcar com dinheiro de figurino equivalente a cento e cinquenta reais e ainda teria que conseguir 15 pessoas que fossem meus convidados para que cada um entrasse pagando vinte e cinco reais no dia do evento, como eu achei inviável e abandonei o concurso antes do resultado final.

Figura 17 - Desfilando no concurso Destaque metropolitano.



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

Os concursos de beleza promovidos por ele ocorriam em sedes de clubes de piscina de Belém, lá concorriamos e desfilávamos, mas não podíamos participar de graça, tínhamos que pagar uma quantia em dinheiro pela inscrição no concurso, além da nossa própria condução até os locais que eram afastados do centro da cidade, participei de uns cinco concursos, mas não cheguei a ganhar nenhum título, nem premiação.

Os convites para os eventos eram feitos geralmente com um dia de antecedência e no grupo eram anunciados os eventos que haveriam no dia seguinte, o local e a hora, ele anunciava e quem estivesse disponível no dia iria, por um lado era bom porque toda semana haviam eventos, mas por outro era ruim, pois não tínhamos muitas explicações de como seria o evento, e algumas vezes ficava decepcionada ao perceber que era muito diferente do que imaginava.

Como na figura abaixo, onde estou de calça vermelha, nesse evento nos foi avisado que faríamos a propaganda de uma clínica de estética sem muitas explicações, somente o endereço, a minha expectativa era que fôssemos ter algum tipo de tratamento de beleza ou algo assim, mas apenas tivemos que ficar em pé fazendo pose enquanto o apresentador anunciava que existia esse local, na figura ele que está ao centro me pediu para anunciar a chegada do próximo quadro à seguir.

Figura 18 - Em participação no programa Tv Cidade.



Fonte: Acervo pessoal. (2015)

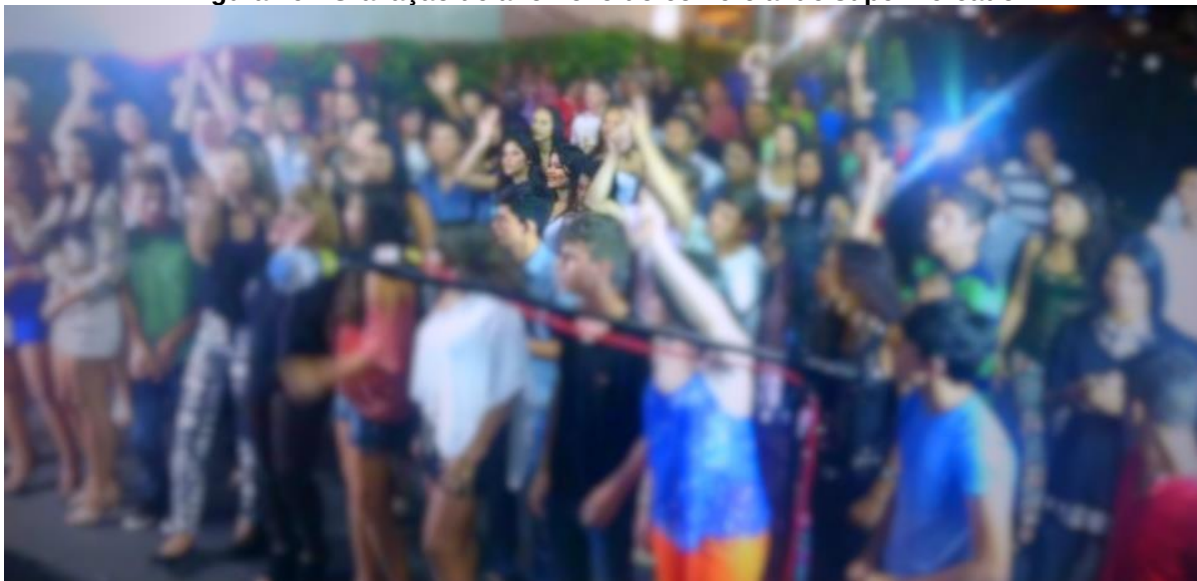
Pouco tempo depois, participei da gravação de dois comerciais como atriz, um de joias e um para o supermercado, a primeira experiência foi um comercial de fim de ano de um supermercado local, no qual fomos convidadas sem saber muito bem como seria e sobre o que seria, nesse dia paguei cinquenta reais de táxi para ida ao local, notei que havia umas cem pessoas fazendo plateia para uma banda que estava passando o som, logo percebi que faria apenas figuração, a experiência durou aproximadamente duas horas e consistiu em ficarmos em pé na plateia cantando o jingle do comercial com a banda e levantando as mãos para parecer que estávamos alegres com o show, ficávamos repetindo a música de trinta segundos várias vezes até as câmeras filmarem de vários ângulos.

Foi uma experiência bem cansativa e no mês seguinte quando o comercial saiu, percebi que eu só aparecia de longe e de costas em uma fração de segundos, foi bem frustrante, pois a empresa não auxiliou com nenhum custo nem mesmo condução, no fim das contas não houve nem divulgação pessoal. A lição que tiro dessa experiência é que da próxima vez que me convidarem para gravar algo vou pedir o máximo de informações sobre tudo o que estará ocorrendo lá, para não passar por outra decepção. Abaixo está uma foto desse evento, no qual participei como figurante.

Não que haja problema em ser figurante, eu realmente não me importaria se ao menos eu fosse avisada do que seria e de como seria o processo, como não avisaram e não houve cachê eu saí com o prejuízo da locomoção de ida e volta, o

que não foi vantajoso para mim, somente para eles, que tiveram a plateia que queriam por um preço quase nulo.

Figura 19 - Gravação de ano novo do comercial de supermercado.



Fonte: Acervo pessoal. (2013)

No segundo comercial fui convidada para gravar uma propaganda de joias de uma joalheria local, com mais cinco meninas, a princípio achei que fôssemos gravar em um estúdio ou algo assim, mas ao chegar lá vi que era uma improvisação em um apartamento. A princípio eu não me abalei e continuei firme e forte, cumprimentei todo mundo, inclusive conhecidas minhas que estavam no local, e o diretor coordenou a ação que consistia de uma das meninas atuando como vendedora e visitando suas amigas para mostrar os itens enquanto nós precisávamos experimentar as joias e demonstrar entusiasmo quando ela nos mostrava cada produto.

Nesse comercial haviam prometido um cachê de cem reais, mas quando cheguei no local, pronta, produzida, maquiada e arrumada, o contratante não queria me aceitar na gravação por conta da raiz do meu cabelo que estava crescida e só depois que tentei dialogar e expor o meu lado da situação, ele aceitou minha participação nas filmagens, com a condição de que eu prendesse o cabelo, assim o fiz e filmei.

Após as filmagens demorou meses para eu receber o cachê acertado enquanto às outras meninas e eu esperávamos pelo pagamento, o contratante disse que a empresa das joias não aprovou o comercial e nós tivemos que ficar cobrando

frequentemente durante meses para ele nos pagar pelo serviço prestado e pelo acordo feito.

Resultou dele pagar somente a metade, após o ocorrido ele ainda me pediu que guardasse segredo das outras meninas de que eu já havia recebido algum dinheiro, para elas não ficarem cobrando dele também, mas não achei justo com elas e contei no grupo, elas se sentiram mais encorajadas a cobrar dele também.

Ainda não sei se ele pagou elas conforme deveria, mas com essa experiência aprendi que devemos cobrar pelos nossos direitos, mesmo não tendo sido feito um contrato escrito, pois se nós negligenciarmos isso, seremos prejudicados, dando margem para oportunistas.

Ainda na tentativa de ganhar experiência com o mercado de trabalho, durante esse intervalo de tempo participei como vocalista de duas bandas de Pop Rock local, as quais duraram aproximadamente dois meses cada, começou quando um colega meu da Cenart, que sabia do meu desejo de cantar profissionalmente, me indicou para um baixista, produtor de um estúdio de gravação de Belém.

Entrei em contato com ele e ele me pediu um áudio cantando, enviei e ao ouvir ele achou bonita a minha voz, marcou uma reunião no estúdio mencionado que poderíamos montar um projeto, ao chegar lá falei do desejo de cantar em casas de show e em eventos, ele gostou da ideia e iniciou um projeto comigo, reuniu uns músicos amigos dele que tocavam bateria, guitarra e teclado e juntos formamos a Aline Herculano e banda.

Ensaíamos uma vez por semana, estavam todos empenhados e a cada ensaio estávamos melhores, porém houve uma briga entre o dono do estúdio e o baixista da banda, com a ocorrência do desentendimento deles perdemos o local para ensaiar, com isso o projeto foi parando, até parar de vez por inatividade.

Uma dessas bandas da qual fiz parte, a qual tinha outro nome, fizemos três ensaios fotográficos, um deles foi no terraço no meu prédio, que na época era na Doca de Souza Franco, consegui para eles o ensaio fotográfico com um amigo meu fotógrafo que fez de graça, para divulgação da banda nas redes sociais, mas com o passar do tempo houveram desentendimentos por questões pessoais e houve uma ruptura, na foto a seguir um registro da banda enquanto ela ainda estava ativa, estou ao centro.

Figura 20 - Ensaio fotográfico com uma das bandas da qual fiz parte.



Fonte: Acervo pessoal. (2016)

Durante o período que estudei na ETDUFPA, ao final de 2016, uma de minhas colegas de turma me convidou para fazer uma semana de apresentações no shopping Grão-Pará, num pocket show, um show compacto e reduzido, no qual fiz a personagem principal do musical Frozen da Disney, cantando algumas canções.

Ela me convidou dias antes, pois eu tinha o perfil físico e características semelhantes às da personagem, haviam outros três atores para fazer os outros personagens do filme. Um dia antes fomos na casa dela ensaiar as músicas que iríamos dublar no evento, ensaiamos, ela nos deu algumas dicas de aprimoramento para a performance, fomos em um ateliê experimentar as roupas em seguida, ela alugou os figurinos pelo seu próprio custo. Foram sete dias de apresentação, começávamos de tarde, depois do almoço, e terminávamos uma hora antes do shopping fechar.

As apresentações eram dubladas e cantávamos cinco músicas diferentes em cada seção, por dia tínhamos aproximadamente cinco sessões, dependendo do horário haviam seções lotadas e outras com pouca gente, mas o público alvo era o público infantil e as crianças eram adoráveis, muitas acreditavam que eu realmente era a personagem Elsa.

Elas pediam para tirar foto do início ao fim do dia, e essa experiência para mim foi um processo muito gratificante e satisfatório, tanto pela experiência quanto financeiramente, ao final do processo, passaram alguns dias e fomos todos devidamente pagos e bem remunerados, o cachê total dos sete dias foi de

setecentos reais, que equivaleu ao maior cachê que já ganhei por um trabalho artístico.

Na figura a seguir estou à esquerda caracterizada da personagem Elsa, contracenando com a personagem Ana em uma cena em que elas discutem sobre o futuro delas e suas preocupações, o público, que consistia dos pais e crianças aparecem vagamente ao fundo, em um show que era aberto e quem estivesse passando pelo shopping poderia assistir de graça, houveram pessoas que foram mais de uma vez porque gostaram, foi um sentimento de realização profissional finalmente fazer um trabalho focado no fazer artístico e em nada mais, nenhum conflito interno nem desentendimento, apenas foco na encenação.

Figura 21 - Caracterizada de Elsa para o pocket show de natal.



Fonte: Acervo pessoal. (2016)

Em 2016 uma amiga que fiz na Cenart me indicou para fazer parte de um show viajante, no qual eu teria que atuar como a antagonista de um desenho animado infantil que estava fazendo sucesso naquele ano, nós faríamos cenas do desenho animado As Aventuras de Lady Bug por vários estados do Brasil, mas mesmo depois de ensaiar uma semana inteira com eles, e com uma viagem marcada para Bahia, optei por não viajar, pois descobri que compraram a minha passagem com o nome de outra pessoa e só iriam me falar em cima da hora, quando eu já estivesse no aeroporto, não achei honesto aceitar essa proposta e me envolver nesses esquemas ilegais.

Depois surgiu a oportunidade de fazer a protagonista em um curta metragem sobre uma lenda urbana paraense muito conhecida em Belém, sobre uma mulher que mesmo morta pegava um taxi todos os anos em seu aniversário, no qual gravei por três dias em uma república universitária e ao lado de um cemitério. Resultando em um vídeo de nove minutos, que ao todo obteve mais de quinze mil visualizações nas plataformas do Youtube e do Facebook, que inclusive foi divulgado em um jornal popular impresso e online daqui de Belém.

Quando fiz o papel de Mulher do Táxi, para o curta metragem Sombras, de acordo com o roteiro precisei parecer uma mulher morta e pálida nas primeiras e na última cena, mas como meu biótipo é moreno e corado, precisei investir dinheiro em uma maquiagem de clareamento que não possuía e comprei mais da metade do cachê em maquiagem que só foi utilizada para o curta metragem.

O roteiro consistia em gravarmos em uma via pública ao lado de um cemitério, gravamos uma noite lá e na noite seguinte fizemos as cenas internas dentro de uma casa, que era uma república de estudantes universitários, o ator que fez o taxista foi indicado por mim, era meu colega de turma da universidade, porém ele não sabia dirigir e o carro que eles tinham não parecia um táxi, tivemos que emprestar o carro do meu namorado, coincidentemente o veículo tinha a cor dos táxis de Belém e meu namorado atuou como dublê de direção, fazendo as cenas em que o carro se movimentava. Houve um cachê de cem reais, que demorou, mas saiu, apesar disso ganhei mais uma experiência bem-sucedida.

Figura 22 - Curta Metragem Sombras- A mulher do Táxi.



Fonte: Acervo pessoal

5 CONCLUSÃO

Aprendi com o curso de Licenciatura em Teatro que o fazer teatral é bem mais amplo, complexo e significativo do que eu imaginava, também aprendi que existe todo um contexto histórico teatral no mundo, no Brasil, e no Pará. E incluso nesse universo teatral estavam figurinistas, cenógrafos, iluminadores, sonoplastas, coreógrafos, atores, roteiristas, preparadores de elenco, professores, dramaturgos, teóricos, todos ajudando a compor obras únicas para apresentar para a sociedade.

Vivenciei experiências incríveis e enriquecedoras que me ajudaram a ter uma visão de mundo mais diversificada e abrangente, durante todo o meu processo de busca para me tornar uma artista completa, nas tentativas em ser bem sucedida na minha área de atuação e ter estabilidade financeira no que eu fazia, pude perceber que mesmo eu me esforçando, gastando horas de ensaio, um montante com locomoção, maquiagem e produção pessoal, o retorno financeiro que estava tendo ou era inexistente ou insuficiente para me manter. E essa realidade ainda é muito presente no cenário artístico Paraense, nacional e mundial, vivida por muitos artistas que conheço.

Apesar de ter pouca certeza de remuneração em todos os trabalhos que fiz, tendo que me predispor a gastar tempo, cansaço físico e mental, dinheiro, sem garantia de retorno e sabendo que esse processo seria difícil, eu tinha que me arriscar, me aventurar, pois seria necessário para ganhar a devida experiência que eu estava buscando para formar a artista completa idealizada que percebi ser como uma obra inacabada, assim como afirma Cecília Salles:

Essa relação entre o que se tem e o que se quer reverte-se em contínuos gestos aproximativos - rasuras que buscam completude. No silêncio que a rasura guarda, o artista aprende a dizer aquilo que resiste a se materializar, ou a dizer de novo aquilo que não lhe agradou. O combate do artista com a matéria nessa perseguição que escapa à expressão é uma procura pela exatidão e precisão em um processo de contínuo crescimento. O artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento. SALLES (1998, p.78).

Essa experiência me levou a perceber que ser um artista completo é relativo, pois o que pode ser completo para mim, pode não ser para terceiros e que para cada pessoa a definição de artista completo ou perfeito é diferente, pois todos têm sua visão do que é o ideal. E o ideal pode ser inatingível, também por conta das

mais variadas formas de artes existentes, que são muito abrangentes, podendo ainda surgir novas formas de arte no futuro.

Ao longo dessa minha trajetória pude constatar que existe um grande déficit de remuneração aos artistas da indústria do entretenimento, não só no Pará, quanto no Brasil e no mundo. Para citar como exemplo a indústria de entretenimento dos Estados Unidos, pesquisas recentes publicadas pelo site americano Pitchfork feitas pelos pesquisadores do Citigroup, revelam que:

Os artistas receberam apenas 12% do lucro gerado na indústria musical norte americana em 2017, mas esse número ainda é considerado um alta histórica em comparação aos anos anteriores, já no ano de 2000, por exemplo os artistas capturaram apenas 7% do lucro da indústria. (YOO, 2017).

Na minha concepção, essa realidade está longe de ser a ideal, pois representa uma desvalorização do artista e precisa ser mudada. Os artistas devem ser reconhecidos pela sua importância profissional, e ser justamente recompensados e remunerados por sua arte, pois antes de uma criança começar a falar, ela canta, antes de escrever, ela desenha e no momento que consegue ficar de pé, ela dança. A arte é fundamental para a expressão humana, tal como afirmou Phylicia Rashad à uma entrevista ao site Culture Map:

Você pensa em si mesmo quando criança, assim que você conseguisse se levantar e andar, você estava dançando. Você cantava porque as crianças cantam sem serem ensinadas; eles fazem melodias antes de começarem a falar. Você desenhava figuras antes que você pudesse ler. Esta é a expressão humana fundamental e vê-lo de qualquer outra maneira é perder sua beleza, essência e importância. RASHAD (2017).

Constatei que essa divisão desigual do lucro final arrecadado pelo artista se deve em função de contratos com pessoas e empresas tais como, empresários, agenciadores, sócios, produtores, gravadoras, agências, que ficam com a maior parte do lucro e não visam priorizar o artista, apenas a si próprios, mas ao meu ver, isso é uma questão de tempo e reflexão social, até que mudanças eficazes sejam feitas e pessoas sejam conscientizadas no mundo todo da importância de se valorizar um artista.

É importante sabermos lidar com esses desafios, para que as pessoas tenham conhecimento das ciladas que existem não só na vida cotidiana, mas também no meio artístico, que pode ser muito recompensador quando tomados os

devidos cuidados, pois a minha experiência me mostrou que o fazer artístico e teatral é muito gratificante, pois melhoramos de alguma forma a nossa vida e a vida das pessoas.

Percebi, depois de uma profunda imersão pessoal, em uma reavaliação das minhas escolhas ao longo do tempo, que particularmente não seria suficiente para mim apenas seguir a carreira de professora, pois apesar das ótimas trocas de experiências de vários estágios que fiz, ainda não me vejo completa profissionalmente apenas lecionando, mas aprendi muitas coisas com essas turmas nas quais estagiei, observando as relações humanas e interpessoais dos alunos entre si, com suas nuances de temperamento, personalidade e suas individualidades.

Pude perceber o quanto ainda há uma carência na sociedade de conhecer e exercer o fazer artístico teatral, em uma das turmas que lecionei perguntei quantos ali já haviam feito aulas de teatro e ninguém havia feito, quando eles conheceram as práticas teatrais ao longo das aulas era evidente que ficavam fascinados, motivados e inspirados, pois era notório em seus semblantes e em suas falas que estavam mais felizes a cada aula que aprendiam conteúdos novos.

Aprendi também que nunca sabemos o suficiente, pois sempre temos que buscar aprendizado e aprimoramento a cada dia de nossas vidas para buscar evoluir e melhorar como indivíduos, não somente para nós mesmos e para nossas famílias, mas para o mundo todo.

Principalmente, que ninguém é perfeito, eu também estou longe de ser perfeita, e ainda não sou a artista completa que sonhei pra mim, mas essa é a minha motivação, enquanto eu estiver nessa busca estarei plena e cada vez mais próxima da realização profissional que almejei, uma parte predominante do meu corpo, da minha alma, e da minha consciência é o ser artista que ama a arte, por isso talvez seja essa a minha missão como indivíduo nessa vida, fazer as pessoas felizes com todas as formas de arte que eu puder.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CORDÁS, T. A; SASSI-JUNIOR, E. Depressão: como diagnosticar e tratar. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 54, p. 61-68, 1998. (Edição especial)

GROSSKO, Caroline. **A busca pela realização profissional**. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/a-busca-pela-realizacao-profissional>. São Paulo, 2010. Acesso em: 19 de Maio de 2019.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, Ano XXX, n.3 (63), p. 413-438, 2007.

LIMA, Susana; MARGARIDA, Matos. Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, Lisboa, v.19, n. 4, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v19n4/v19n4a04.pdf>. Acesso em 19 de Maio de 2019.

MORAIS, Maria Elisa Salazar. **Minha Trajetória**: um retrato autobiográfico em formação. 2013. 49 f. TCC (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Faculdade de Ciências Sociais, Curso de Pedagogia - PARFOR, Abaetetuba, 2013.

PINEAU, Gaston. **Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida**. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR, Pierre. Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RASHAD, Phylcia. **Phylcia Rashad comes home to make music with the Houston Symphony — and new memories**. Disponível em <http://houston.culturemap.com/news/arts/03-29-17-phylicia-rashad-interview-houston-symphony-fidelio/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **Confissões I, II**. Tradução de Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugália, 1988. P. 10.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SILVA, G.F. A memória coletiva. **Aedos**, Porto alegre, v. 8, n. 18, Ago.2016.

YOO, Noah. **Artists Made Only 12% of Music Industry Revenue in 2017, Citigroup Report Finds**. Disponível em: <https://pitchfork.com/news/artists-made-only-12-of-music-industry-revenue-in-2017-citigroup-report-finds/>. Acesso em: 20 de Maio de 2019.